A POTÊNCIA DO FRAGMENTO EM *WOYZECK*, DE GEORG BÜCHNER

Sophie Sagrado Peixoto Guimarães (PIBIC/CNPq/FA/UEM), Alexandre Villibor Flory (Orientador). E-mail: ra138959@uem.br

Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Maringá, PR.

Área e subárea do conhecimento: Linguística, Letras e Artes / Literaturas Estrangeiras Modernas.

Palavras-chave: Teatro alemão; Woyzeck; Teatro e sociedade.

RESUMO

Este PIBIC teve como objetivo geral o estudo da peça *Woyzeck*, de Georg Büchner (1813-1837), texto muito relevante e fundamental para a literatura alemã e mundial. A peça sofre influências do *Sturm und Drang* (Tempestade e Ímpeto), do romantismo, da estética realista que então surgia. Essa variedade é expressão do conturbado contexto histórico do início do século XIX. Outro objetivo foi discutir a respeito da atualidade das temáticas e das formas da dramaturgia. *Woyzeck* destaca-se na produção do dramaturgo por articular elementos fundamentais de toda sua obra, não obstante o autor deixe essa peça inacabada em decorrência de sua morte. Entre as questões estudadas está a crítica social e as tensões entre indivíduo e sociedade. O percurso interpretativo passa pela relação entre *Woyzeck* e o contexto sociocultural em que se encontra, no âmbito da construção do teatro alemão no início do século XIX. A perspectiva teórica e metodológica parte da mediação entre teatro e sociedade, com base na crítica materialista, para entender como a relação entre o enunciado da forma e do conteúdo da obra de arte expressa questões do tempo histórico, com base em autores como Rosenfeld e Carvalho, que também nos ajudam a compreender o teatro épico, fundamental para a análise. Também discutimos as análises feitas por Tércio Redondo e Jacob Guinsburg sobre a peça. O resultado esperado desta pesquisa é uma contribuição aos estudos teatrais e literários que se desenvolveram no contexto mais amplo do romantismo alemão.

INTRODUÇÃO

Georg Büchner (1813-1837) foi um dramaturgo alemão contextualizado em uma situação sociocultural conturbada, o cenário da Restauração e da inversão dos papéis políticos na Europa como um todo, na primeira metade do século XIX. Büchner é profundamente reconhecido pela politização de seu pensamento e de sua obra, que teve enorme repercussão ao longo do tempo, de maneira que se torna possível verificar influências de seus escritos em autores tão variados como Max Reinhardt, Frank Wedekind, Gerhart Hauptmann, bem como em Bertolt Brecht e Peter Weiss, chegando aos dias atuais. Essa influência pode ser verificada até

mesmo no Brasil; por exemplo, a Companhia do Latão encenou *A Morte de Danton*, em 1997, sendo essa encenação a primeira realizada pelo grupo.
Sua obra também é relevante pois sofre influências tanto da fragmentação constitutiva do *Sturm und Drang* (Tempestade e Ímpeto), movimento estético alemão da segunda metade do século XVIII, quanto da tensão entre a racionalidade e o elemento mítico que marca o romantismo alemão (da virada do século XVIII para o XIX), ainda se antecipando como expressão artística do processo de objetificação e alienação que marcam a estética naturalista (que só se configuraria no final da segunda metade do século XIX, portanto mais de 50 anos depois da morte de Büchner). A perspectiva de Büchner sempre preza pela crítica tanto social quanto estética, a tal ponto que se aproxima de determinadas correntes e movimentos estéticos, mas nunca os aceita como norma rígida. Quanto à questão da participação política, é preciso levar em consideração o fato de que, historicamente, havia muita inquietação em todo o mundo: revolução política na França, revolução industrial na Inglaterra, e na Alemanha o espírito do tempo também se fazia sentir. A sociedade alemã não estava mais satisfeita, a monarquia deixou de ser considerada como a melhor opção: era preciso que o povo contribuísse nas decisões parlamentares, jurídicas e culturais. Georg Büchner estava completamente integrado e imbuído desse ímpeto e faz de seus escritos espaços de luta e, também, relíquias tanto históricas quanto ficcionais.

MATERIAIS E MÉTODOS

A metodologia é de análise qualitativa, de cunho descritivo e de revisão bibliográfica. A peça *Woyzeck* será analisada a partir de pressupostos dialéticos que mediaram a forma e o contexto histórico-social, em perspectiva materialista. O projeto terá como referencial teórico a obra *O teatro épico,* de Anatol Rosenfeld (1985), bem como a *Teoria do drama moderno,* de Peter Szondi (2001) e *Introdução ao teatro dialético*, de Sérgio de Carvalho (2009). Estes livros são fundamentais para se estudar a crítica materialista a partir dos estudos teatrais. Para os estudos sobre o teatro de Georg Büchner serão utilizados ensaios presentes no livro *Büchner: na pena e na cena*, organizado por Guinsburg e Koudela (2004), além de materiais publicados por Tércio Redondo no prefácio da sua tradução de *Woyzeck.*

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Woyzeck destaca-se por ser, estilisticamente, um drama impossível, fraturado. Há um processo frágil e rasurado de subjetivação do personagem, pois Woyzeck *não age* perante os acontecimentos, mas, sim, *reage* a eles. Suas ações são comportamentos induzidos, haja vista que ele mesmo é experimento científico e, como tal, cabe-lhe apenas ser analisado. Como salienta Anatol Rosenfeld (1995), os personagens, “como seres humanos encontram-se integrados num denso tecido de valores de ordem cognoscitiva, religiosa, moral, político-social e tomam determinadas atitudes em face desses valores” (Rosenfeld, 1995, p. 45). Com base nesse viés, é viável o entendimento de que Woyzeck, como personagem, não é

culpado por suas ações: a culpa vem de seu entorno e do funcionamento problemático deste.

Isso nos faz perceber a diferença entre o que se poderia chamar de teatro dramático e teatro épico. O drama, representação do teatro dramático, tem na ação, no diálogo conclusivo e na densidade psicológica dos personagens sua base de sustentação – o que dá expressão à suposta liberdade dos agentes, e igualdade da razão burguesa. Já o teatro épico já mostra as contradições entre um sistema de valores que defende esse mundo burguês (a ideologia burguesa) e sua falsidade, a impossibilidade de se universalizar esse sujeito. É exatamente isso o que acontece com o personagem Woyzeck, e de um modo bem exagerado, quase caricato. A certa altura, o médico que usa Woyzeck como cobaia, o mostra (como objeto) para seus estudantes:

> Médico: Vejam! Esse homem só come ervilhas, há três meses. Notem o resultado, apalpem: que pulso irregular! O pulso e os olhos!
> Woyzeck: Senhor Doutor, estou vendo tudo escuro (*senta-se*)
> Médico: Coragem, Woyzeck! Mais uns dias e acabou. Tomem-lhe o pulso, meus senhores. Tomem-lhe o pulso! (apalpam-lhe a fronte, o pulso, o peito) Por falar nisso, Woyzeck, mexa com as orelhas para que os senhores vejam!
> Woyzeck: Ora, senhor Doutor!
> Médico: Animal, quer que eu lhe puxe as orelhas! (...) Olhem, meus senhores, é a metamorfose do burro (...) (Büchner, s/d, p. 8)

Essa passagem é representativa de diversas questões centrais. Em primeiro lugar, ele é tratado como um objeto, e assim apresentado aos estudantes. O médico não apenas percebe que a dieta está lhe fazendo mal, mas exalta isso – o pulso irregular, os olhos. Quando Woyzeck reclama da visão é desprezado: quando reclama de ter de mexer as orelhas, é prontamente atacado pelo médico. O exagero é importante para expor a teatralidade da cena: tudo é mostrado para nós, o abuso é explícito – o que é um elemento do teatro épico, impedir a completa identificação do leitor/espectador com a cena (Rosenfeld, 1985). Ainda se percebe, por essa cena, que a consciência atordoada de Woyzeck está diretamente ligada aos fatores externos, históricos, do espaço social que ele ocupa. Longe de ser um indivíduo com autonomia, liberdade e discernimento para agir, ele é uma construção social – o ser social determina o pensamento e a ação. Sendo assim, o conflito principal não é um personagem em específico, mas o tipo que ele representa – pobre, explorado, incapaz de subir na vida, humilhado e desprezado, Woyzeck é expressão de um enorme contingente nesse momento de crise e de mudança profunda no mundo circundante. Lembrando que estamos no pós-revolução francesa, em um cenário cada vez mais burguês – no caso alemão, a burguesia ainda está pouco desenvolvida, e vemos o médico (cientista ocasional, às custas de cobaias), uma elite degenerada e militares ociosos, pois quem trabalha, para cima e para baixo, correndo entre uma e outra ocupação, é Woyzeck e os iguais a ele, os soldados e serviçais. Ou seja, os conflitos principais da peça são sociais e coletivos, e não serão resolvidos, de modo algum, na peça (Guinsburg, 2004). O fato dela ser

inacabada contribui para esse efeito de abertura, valorizado pelo teatro épico como um modo de mostrar que a arte faz parte da vida, discute as mesmas questões, não é fuga nem solução (Carvalho, 2009).
O que o fragmento não mostra é a fragmentação constitutiva da peça. As cenas não resultam em algo conclusivo, mas são abruptamente interrompidas, criando situações tensionadas mais do que um encadeamento linear das ações. Woyzeck está cortando a barba do capitão, depois vai trabalhar no campo, a caminho de casa encontra o médico que o chama para estuda-lo, conversa com a esposa rapidamente e logo precisa ir a outra demanda – como se estivéssemos num filme de cinema acelerado.

CONCLUSÕES

Essas considerações acima mostram como Woyzeck é uma obra fundamental do teatro ocidental, bem como sua atualidade. Sua estrutura rápida e com traços cômicos (pelo ridículo do personagem) e trágicos (ele mata a esposa ao final) funciona muito bem para nos perguntarmos sobre a crise da sociedade burguesa, da reificação das relações, do abuso dos mais pobres, da falsidade de conceitos abstratos como liberdade e igualdade. As forças anônimas que produzem esse apagamento subjetivo e da crise do senso de coletividade na vida social são esteticamente elaboradas para indicar alguns agentes na peça, mas são tantas que, de fato, fica evidente o caráter sistêmico dessa alienação, e que continua muito atual.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao CNPq/Capes/UEM pela bolsa de Iniciação Científica, e também ao meu orientador, Alexandre Villibor Flory.

REFERÊNCIAS

BÜCHNER, G. **Woyzeck.** Tradução de T. Redondo. 1. ed. São Paulo: Hedra, 2003. 120 p.

CARVALHO, S. (org.) **Introdução ao teatro dialético.** 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2009. 304 p.

GUINSBURG, J.; KOUDELA, I. (orgs.) **Büchner: na pena e na cena**. Tradução de J. Guinsburg e I. Koudela. 1. ed. São Paulo: Perspectiva, 2004. 381 p.

ROSENFELD, A. **O teatro épico.** 3. ed. São Paulo Perspectiva; Edusp; EdUNICAMP, 1985. 174p.
ROSENFELD, A. Literatura e personagem. *In*: CANDIDO, A; ROSENFELD, A; PRADO, D. A.; GOMES, P. E. S. **A personagem da ficção**. 9. ed. São Paulo: Perspectiva, 1995. cap. 1, p. 9-50.

SZONDI, P. **Teoria do drama moderno [1880-1950].** 1. ed. São Paulo: Cosac Naify, 2001. 184p.